

SOLIDÃO E VONTADE DE SENTIDO: ANÁLISE FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DO PERSONAGEM GRAOGRAMAN EM A HISTÓRIA SEM FIM, DE MICHAEL ENDE

LONELINESS AND THE WILL TO MEANING: A PHENOMENOLOGICAL-EXISTENTIAL ANALYSIS OF THE CHARACTER GRAOGRAMAN IN 'THE NEVERENDING STORY', BY MICHAEL ENDE

Débora Furtado Moraes (UFMA)¹
Naiara Sales Araújo Santos (UFMA)²

Resumo: *A História Sem Fim*, de Michael Ende, foi publicado originalmente em 1979 e se encaixa nos moldes da concepção de fantasia de “Mundo Secundário” tolkieniana conforme afirma Mirane Campos Marques (2015) devido à grande parte da história se passar em um Mundo Secundário chamado Fantasia, cujas leis que o regem não possuem verossimilhança com a realidade e são coerentes dentro desse mundo sem negar a existência do Mundo Primário. O presente estudo pretende analisar e interpretar, na construção do personagem Graograman, os aspectos da solidão e da vontade de sentido sob a ótica fenomenológica-existencial. Para tanto, serão utilizados como referencial teórico Jadir Machado Lessa (2013) e Valdemar Augusto Angerami – Camon (2007) no que diz respeito ao aspecto da solidão e Viktor Frankl (2008), com o conceito de vontade de sentido em sua obra.

Palavras-chave: Fantasia; Solidão; Vontade de Sentido; Mundo Secundário.

Abstract: *The Neverending Story*, written by Michael Ende, was first published in 1979 and fits in the pattern of Tolkien’s “Secondary World” fantasy conception, as argues Mirane Campos Marques (2015) due to the fact of a great part of the story happens in a Secondary World called Fantastica. The intern rules that conduct Fantastica do not have likelihood with reality and are coherent within that world without deny the existence of the Primary World. This study aims to analyze and interpret, on the development of the character Graograman, the aspects of loneliness and the will to meaning according to Phenomenology-Existencialism. For this purpose, Jadir Machado Lessa (2013) and Valdemar Augusto Angerami – Camon (2007) will be used as Theoretical Frame concerning to loneliness, as well as Viktor Frankl (2008) with the concept of will to meaning in his production.

Keywords: Fantasy; Loneliness; Will to Meaning; Secondary World.

¹ Graduanda do curso de Letras – Português/Inglês da UFMA. E-mail: deebbyfurtado@gmail.com

² Doutora em Literatura Comparada pela *London Metropolitan University*, Inglaterra (2013). Professora da Graduação e Pós-Graduação em Letras da UFMA. E-mail: naiara.sas@gmail.com

A ideia principal deste trabalho surgiu a partir da percepção de uma relação de semelhança entre algumas características presentes na construção do personagem Graograman – do livro *A História Sem Fim*, de autoria do alemão Michael Ende, e de alguns temas abordados pela filosofia e psicologia existencial, também chamados *temas existenciais*: solidão e vontade de sentido – sendo este último um subtema de *sentido de vida*. Neste trabalho, a característica da vontade de sentido apresentada por Graograman será analisada relacionando-a à noção de sentido de vida e à noção de sentido do sofrimento, de acordo com o que o personagem demonstra através de suas falas e ações.

Primeiramente, será feita uma breve introdução à fenomenologia e ao existencialismo, já que estas duas correntes de pensamento possuem estreita ligação histórica, de influência e também no modo de conceber o ser humano. Serão utilizadas algumas considerações feitas pelo professor de filosofia da *Catholic University of America* Robert Sokolowski em seu livro *Introdução à Fenomenologia* (2010) e pela psicóloga fenomenológico-existencial Ariane P. Ewald (2008) no que concerne à fenomenologia. Já em relação ao existencialismo, utilizar-se-ão informações retiradas do livro *A Descoberta do Ser* (1988), do psicólogo existencial americano Rollo May.

Em seguida, será apresentado o livro *A História Sem Fim*, do alemão Michael Ende. Será falado um pouco sobre sua narrativa e características, bem como uma tentativa de classificação nos moldes formulados por Tzvetan Todorov (1982), fazendo em seguida um contraponto utilizando a teoria de fantasia de “Mundo Secundário” defendida por Mirane Campos Marques (2015).

A partir de então, o presente trabalho focará em apresentar o personagem Graograman e analisar como os aspectos da solidão e da vontade de sentido se manifestam na sua construção através do que é dito pelo personagem para o protagonista do livro e de pequenas atitudes do mesmo explicitadas pelo narrador. Para ajudar a fazer a relação do personagem com a solidão sob o ponto de vista existencial, serão utilizados pontos defendidos pelos professores e psicoterapeutas existenciais Jadir Machado Lessa (2013) Waldemar Augusto Angerami (2007). Em

relação à vontade de sentido, será utilizado o que foi postulado pelo psiquiatra e psicoterapeuta austríaco Viktor Emil Frankl, criador de uma psicoterapia voltada para o sentido, chamada logoterapia, em seu livro *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*, publicado originalmente em 1946.

A fenomenologia foi desenvolvida pelo filósofo alemão Edmund Husserl nos anos anteriores à Primeira Guerra Mundial e tem como seu marco de fundação a publicação do primeiro volume de *Ideias para uma Fenomenologia Pura e Filosofia Fenomenológica (Ideen zu einer reinen Phänomenologie und Phänomenologische Philosophie)*, em 1913. É definida por Sokolowski como “o estudo da experiência humana e dos modos como as coisas se apresentam elas mesmas para nós em e por meio dessa experiência” (2010, p. 10) e, segundo Ewald (2008), nasceu da preocupação de Husserl em fundamentar, de forma rigorosa, o conhecimento.

Segundo o psicólogo existencial americano Rollo May (1988, p. 52, 58), a fenomenologia, por discorrer de forma sistematizada acerca da questão sujeito-objeto, não considerando o homem apenas enquanto ser pensante – rompendo com as tradições racionalista e idealista, predominantes na época de seu surgimento e que viam o homem apenas como sujeito – e, de igual forma, rejeitando a visão de homem como “um objeto para ser calculado e interpretado [...] [fazendo] dos seres humanos identidades anônimas para servirem como robôs no vasto coletivismo industrial e político” (1988, p.52), influenciou o reavivamento de outro movimento, conhecido atualmente como existencialismo.

Este, embora tenha surgido cerca de meio século antes da fenomenologia, com o filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard – também criticando tais tradições –, até então não conseguira sistematizar sua posição sobre a mesma questão. É definido por May como “o empenho para se compreender o homem evitando o abismo [...] criado entre sujeito e objeto” (1988, p. 52), além de ser centrado na visão de ser humano “não como uma coleção de substâncias estáticas, mecanismos ou padrões mas, ao contrário, como um ser emergente em formação” (MAY, 1988, p.53).

Sobre o existencialismo, Rollo May ainda enfatiza:

[O existencialismo] É uma expressão de profundas dimensões do temperamento emocional e espiritual moderno, e é mostrado em quase todos os aspectos de nossa cultura. É encontrado não só na psicologia e na filosofia como também nas artes – vide Van Gogh, Cézane e Picasso – e na literatura – vide Dostoievsky, Baudelaire, Kafka e Rilke. Na verdade, em muitas formas, é o quadro único específico do estado psicológico do homem ocidental contemporâneo. (1988, p. 51)

May credita o envolvimento do existencialismo nas artes e literatura ao fato de ter surgido como uma resposta natural e espontânea para a crise da cultura moderna, sendo uma outra evidência desse fato o surgimento de diferentes filósofos em diversas partes do mundo trabalhando nessas ideias sem uma relação consciente entre uns e outros (1988, p. 61). Algumas das principais temáticas discutidas por esta corrente de pensamento são a solidão e a vontade de sentido. Estes serão os dois aspectos analisados no personagem Graograman, do livro *A História Sem Fim*, pois este apresenta características que remetem a eles em sua composição - como o fato de ser fadado a viver solitário em um deserto e a curiosidade que tem em saber o sentido de sua existência e de seu sofrimento - e em seu discurso.

A História Sem Fim, livro de autoria do escritor alemão Michael Ende, foi publicado originalmente em 1979. Conta a história de Bastian, um menino tímido e introvertido de dez ou onze anos que ama ler e inventar histórias e que, certo dia, rouba um livro chamado *A História Sem Fim* de uma loja. O livro da história se assemelha ao livro real, tanto na descrição da capa quanto na descrição da impressão em duas cores e das letras grandes e ornamentadas que iniciam cada capítulo. Ao ler o livro, o leitor depara-se com duas perspectivas e o texto é impresso em uma cor para cada. A primeira é a do mundo “real”, em que Bastian vive, em letras vermelhas. A segunda é a do reino sem fronteiras de Fantasia, onde se passa a história que Bastian lê, em letras verdes.

A obra de Michael Ende se enquadra, segundo a classificação da Literatura Fantástica feita por Todorov (1970), no Fantástico-Maravilhoso, pois Bastian, o protagonista, em vários momentos, até aproximadamente metade da história, hesita diante de várias “coincidências” entre acontecimentos do livro que lê e a realidade,

aparentemente sem explicação, que causam estranhamento e espanto no menino. Nesses momentos, ele se questiona se tais coincidências seriam verdadeiras ou apenas fruto de sua imaginação, caracterizando o Fantástico. Entretanto, a certa altura do livro, todas as dúvidas em relação à explicação desses acontecimentos são tiradas através de uma explicação sobrenatural: Bastian realmente consegue interagir com o livro que lê e com seus personagens e vice-versa, e é transportado para Fantasia, caracterizando o Maravilhoso da obra.

O livro também se enquadra na concepção de fantasia de *Mundo Secundário* tolkieniana defendida por Mirane C. Marques (2015), pois Ende primeiro apresenta ao leitor o Mundo Primário, no qual se conhece detalhes da vida e realidade de Bastian. Em seguida, introduz gradualmente o reino sem fronteiras de Fantasia onde, segundo Marques, “os elementos ‘sobrenaturais’ da narrativa possuem o que Tolkien chama de ‘consistência interna de realidade’ constituindo um Mundo Secundário” (2015, p.3). Fantasia não nega a existência do Mundo Primário apresentado anteriormente, mas coexiste junto a ele dentro da narrativa e, finalmente, é para onde Bastian é transportado no decorrer da história, caracterizando a história como *fantasia de portal*, na qual há “uma relação entre o mundo primário e o secundário. Uma característica importante para este tipo de alta fantasia é o uso de portais para viajar de um lugar para outro.” (Nogueira Filho *Apud* MARQUES, 2015, p.67). Segundo Marques, “O ‘portal’ em *A história sem fim* é a leitura, ela é que leva Bastian à Fantasia” (2015, p.151) já que “É a leitura do livro que vai abrindo as portas de Fantasia para Bastian em um processo em que o garoto, como leitor, vai conformando a história lida a tal ponto que ele [Bastian] se transforma em uma espécie de co-autor da narrativa”. (2015, p.117)

Ao chegar em Fantasia, Bastian encontra-se em um vazio onde há escuridão total e, logo após, uma floresta multicolorida começa a brotar a partir de um grão de areia em suas mãos. Bastian nomeia a floresta Perelim, a Floresta Noturna. Quando a floresta está em seu auge, crescendo sem cessar, os primeiros raios solares surgem, fazendo com que esta se desfaça em pó e torne-se um deserto multicolorido: Goab, o Deserto das Cores, onde cada duna “era de uma tonalidade que não se repetia em nenhuma outra” (ENDE, 1990, p.191). Surge, então,

Graograman, Rei do Deserto das Cores, um leão cuja cor muda conforme a duna em que pisava.

Também chamado de a Morte Multicor, ao ser questionado por Bastian se poderia levá-lo para fora do deserto, o leão responde “Isso é impossível, senhor. [...] Porque eu trago o deserto comigo” (ENDE, 1990. p.194). Esta fala de Graograman pode ser considerada o primeiro indício de sua condição solitária, já que, segundo Ferraz, a ideia de solidão pode ser associada a lugares como o deserto, como frequentemente acontecia durante a Idade Antiga (2006, p.6). O menino, então, ao perguntar se haveria qualquer outra criatura que pudesse levá-lo para fora dali, recebe a seguinte resposta:

- [...] Onde eu estou não pode haver outra criatura viva. Minha presença é suficiente para reduzir a cinzas todas as criaturas vivas, mesmo as mais fortes e temíveis, num círculo de muitas milhas ao meu redor. É por isso que me chamam de a Morte Multicor e o Rei do Deserto das Cores. (ENDE, 1990, p.194)

Quando questionado sobre o porquê de Bastian não sucumbir à sua presença, o leão explica que Aurin, o amuleto que o menino leva no peito, protege o mesmo e que seria inevitável o seu destino caso não o carregasse consigo, mesmo que o leão lamentasse, pois, em toda a sua vida, ninguém mais havia falado com ele.

É interessante notar, através de suas próprias falas, que Graograman tem a solidão como uma condição inerente à sua existência. É possível associar este fato com a perspectiva existencial acerca da solidão humana pois, segundo esta perspectiva, “a solidão, uma condição imanente ao homem, faz parte da vida” (Angerami, 2007, p.19). Lessa (2013, p.135) reitera: “Todo ser humano está só. Tal condição não é negociável.” Em outras palavras, o ser humano, apesar de ser social e mesmo estando em companhia de outras pessoas, é solitário. Solitário no sentido de que todas as experiências vividas por um indivíduo são vividas apenas por ele. Mesmo que sejam divididas com outra pessoa, o que ele sente é sentido apenas por ele. Ele não pode viver a experiência de outra pessoa por ela, assim com a outra pessoa não vive a experiência pessoal dele por ele. A outra pessoa também vive apenas a sua própria experiência.

Da mesma forma, Graograman vive solitário, sendo a solidão literalmente inerente à sua existência. Logo no contato inicial de Bastian com o leão, fica claro que este está “condenado” a viver seus dias solitariamente; também fica subentendido que, para sair de Goab, o menino precisa fazê-lo por sua própria conta, sem a ajuda do leão. Mais tarde, quando questionado por Bastian se fica sempre sozinho, Graograman explicita novamente sua solidão:

— Sozinho... [...] Meu reino é o deserto... e o deserto é a minha obra. Para onde quer que eu me volte, tudo o que está ao meu redor se transforma em deserto. Trago o deserto comigo. Sou feito de fogo mortífero. Como poderia ter outro destino que não fosse uma perpétua solidão? (ENDE, 1990, p.203)

Através destas palavras, o Senhor do Deserto das Cores reitera sua condição, trazendo novamente a associação entre deserto e solidão. Esta última é tão inerente à sua existência quanto o é ao ser humano. Da mesma forma, Graograman mostra a Bastian sua própria condição solitária ao, em determinado momento, dizer ao menino que este não pode ficar em Goab para sempre, pois precisa viver sua própria história, devendo encontrar a saída do deserto por conta própria, nas palavras do leão, “através dos seus desejos”. (ENDE, 1990, p.207-208)

Logo após se conhecerem, o leão multicolorido leva Bastian ao seu palácio e covil para que lá passasse a noite. Após chegarem ao palácio, Graograman diz ao menino:

— Minha hora está próxima, senhor, disse ele. E sua voz soava como um murmúrio. Não vamos ter tempo para conversar. Mas não tenha medo, e espere pelo dia. Vai acontecer agora o que sempre tem acontecido. E *talvez o senhor possa me dizer por quê*. (ENDE, 1990, p.197 – grifo nosso)

No momento, Bastian ainda não sabe o que está por acontecer. Entretanto a expressão destacada explicita a inquietação do leão para descobrir algo que, para ele, não é claro. Logo em seguida, Graograman mostra ao menino o quarto em que este iria passar a noite. Começa a anoitecer e, após lavar-se, beber e comer, Bastian ouve um longo gemido e sai do seu quarto. Ele então encontra o leão deitado sobre um bloco de pedra, com sua pelagem negra como o bloco sobre o qual estava, e percebe, ao tocá-lo, que seu corpo estava frio e duro como pedra. As portas do palácio se abrem e, ao olhar para fora à procura do deserto, o menino

percebe que “milhões de plantas minúsculas brotavam dos grãos de areia, que agora eram novamente sementes” (ENDE, 1990, p.198). Logo o menino pressente que o estado do leão e o ressurgimento da Floresta Noturna estavam interligados.

Com o desaparecimento por completo dos raios solares, o leão transforma-se em pedra e Bastian chora a sua morte até adormecer. Pela manhã, é acordado pela voz do leão, que ressuscitara com o nascer do sol. Quando questionado sobre o que aconteceu durante a noite, Graograman responde “Morro todos os dias quando cai a noite e acordo outra vez todas as manhãs.” (ENDE, 1990, p.203) e, após conversarem mais um pouco, pergunta “[...] o senhor, que traz o Signo da imperatriz Criança, pode me responder: por que tenho que morrer quando cai a noite?” (ENDE, 1990, p.203). Neste questionamento, fica claro a presença de uma característica que o psiquiatra e psicólogo austríaco Viktor Frankl, em seu livro *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*, publicado originalmente em 1946, denomina *vontade de sentido*.

Frankl, criador da logoterapia, definida por ele como “uma terapia centrada no sentido” (2008, p.124), defende que “A busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida, [...] esse sentido assume uma importância que satisfará sua própria vontade de sentido” (2008, p.124). Vontade de sentido, portanto, seria a necessidade do indivíduo de encontrar um sentido para sua vida, para a dor, para o sofrimento... que deveria ser encontrado no mundo. É o que se observa em Graograman: alguém que sofre diariamente sem saber o motivo ou finalidade de tal sofrimento ou mesmo de sua própria existência.

Bastian lhe responde “Para que Perelim, a Floresta Noturna, possa brotar do Deserto das Cores” (ENDE, 1990, p.204), ao que o leão retruca “Perelim? [...] O que é isso?” (ENDE, 1990, p.204), pois não sabia da existência da Floresta Noturna. Bastian então conta todas as maravilhas que viu na floresta de luz viva, a variedade de plantas luminosas que cresciam incessantemente durante a noite, enquanto Graograman ouvia tudo espantado, sendo dito no livro que seus olhos “brilhavam com uma luz cada vez mais clara” (ENDE, 1990, p.204), deixando claro o quanto ele

estava maravilhado com tudo que ouvia. O diálogo entre ambos é concluído da seguinte forma:

— E tudo isso, concluiu Bastian, só pode acontecer enquanto você está transformado em pedra. Mas Perelim devoraria tudo e se asfixiaria a si mesma se não morresse e se desfizesse em pó todos os dias quando você acorda. Perelim e você, Graograman, são dois aspectos do mesmo todo. Graograman calou-se durante muito tempo.

— Senhor!, disse ele então. Vejo agora que minha morte origina a vida e minha vida a morte, e ambas as coisas estão certas. *Agora percebo o sentido da minha existência.* Agradeço-lhe.

Depois, *com um ar feliz*, dirigiu-se lentamente até o canto mais escuro da caverna. (ENDE, 1990, p.204 – grifo nosso)

Bastian conclui que a morte diária de Graograman e o nascimento da Floresta, ambos durante a noite, se completam assim como a ressurreição do leão e a morte da Floresta – e a sua conseqüente transformação em um deserto com a chegada da manhã. Graograman concorda, afirmando sua vida e sua morte geram morte e vida; geram Goab e Perelim. Graças à sua morte todas as noites, o deserto onde vive não é sempre deserto; graças a ela, a vida pode surgir ao seu redor, mesmo que ele não possa ver. Fica subentendido uma noção de missão: para que tudo isso aconteça, o leão precisa morrer diariamente e agora ele tem noção disso, como ele próprio afirma na frase em destaque “Agora percebo o sentido da minha existência” (ENDE, 1990, p.204). É também possível fazer um paralelo disso com o que Frankl afirma:

Cada qual tem sua própria vocação ou missão específica na vida; cada um precisa executar uma tarefa concreta, que está a exigir cumprimento. Nisto a pessoa não pode ser substituída, nem pode sua vida ser repetida. Assim, a tarefa de cada um é tão singular como a sua oportunidade específica de levá-la a cabo. (2008, p.133)

A missão de Graograman seria guardar o Deserto de Goab durante o dia e, com sua morte durante a noite, possibilitar o surgimento de vida naquele lugar isolado. Essa dinâmica vida-morte pode fazer com que se remeta à ideia de que a morte não é o fim da vida, mas parte dela. Sobre isso, Frankl defende que “o sofrimento faz parte da vida, de alguma forma, do mesmo modo que [...] a morte. Aflição e morte fazem parte da existência como um todo.” (2008, p.90) Vida, morte, aflição e solidão fazem parte da existência de Graograman, de Goab e de Perelim – que juntos fazem parte de um todo muito maior. Pode-se também notar que há uma

diferença no próprio modo do leão encarar sua sina após tomar consciência do sentido dela. Isso pode ser observado ao se colocar em paralelo a) o “tom de murmúrio” utilizado pelo leão para se referir ao que aconteceria em seguida, no dia em que Bastian chegou em seu palácio e b) a forma como ele saiu após a conversa esclarecedora que teve com o menino: “Com um ar feliz” (ENDE, 1990, p.204).

No decorrer da narrativa, descobre-se que Bastian passou ainda muito tempo com Graograman em Goab, mas em nenhum momento é citado novamente que o leão tenha se referido ao seu destino diário em tom de lamento. É possível relacionar isso com o que Frankl afirma: “Sofrimento de certo modo deixa de ser sofrimento no instante em que encontra um sentido, como o sentido de um sacrifício [...] desde que, naturalmente, o sofrimento seja inevitável” (2008, p.137). A morte diária é inevitável para o leão devido à sua natureza, por ser parte integrante de sua própria existência. Entretanto, o mesmo, ao perceber que a) possui uma função em Fantasia, que é gerar o Deserto de Goab e Perelim, a Floresta Noturna, a partir de sua vida e morte, respectivamente e b) sua solidão é consequência de sua missão, muda de atitude frente à sua sina já que ela não existe por si só – possui um “para quê”, sendo parte de algo maior.

Ao observar a construção do personagem Graograman à luz dos estudos de Angerami, Lessa conclui que o deserto está para o Rei de Goab como a solidão está para o ser humano: deserto e solitude perseguem leão e homem, respectivamente, por onde quer que estes possam ir; estes não podem fugir daqueles, pois estão fadados a eles. Enquanto ao ser humano é negado o acesso à experiência do outro, ao leão é negado o acesso ao outro – com exceção de Bastian, que carregava no pescoço AURIN, o amuleto que a governante de Fantasia lhe dera e que lhe protegia.

De igual modo, ao observar sua construção à luz da obra de Frankl, nota-se que o leão multicolorido demonstra desejar saber o motivo de sua sina diária pois, para ele, parece haver um vazio em viver solitariamente e morrer todas as noites para ressuscitar todas manhãs. Pode-se supor que, antes mesmo de conhecer Bastian, o leão já nutria esperanças de algum dia encontrar uma resposta que preenchesse esse vazio. Isso é comparável à necessidade que o ser humano tem em encontrar ou descobrir o sentido da vida, fazendo perguntas como “Por que

vivemos?”, “Por que estamos aqui?”, “Qual o sentido da vida?”. Portanto, apesar de ser personagem de uma história de fantasia e de possuir a forma de um leão, Graograman apresenta características e questionamentos que se revelam comuns ao ser humano e são bastante discutidas dentro do existencialismo.

REFERÊNCIAS

ANGERAMI, Valdemar Augusto. – Camon. Temas existenciais. In: _____ **Psicoterapia Existencial**. 4ed. rev. São Paulo: Thomson, 2007.

ENDE, Michael. **A História Sem Fim**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes/Editorial Presença, 1990.

EWALD, Ariane Patrícia. Fenomenologia e Existencialismo: articulando nexos, costurando conceitos. In: **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, ano 8, n. 2, p. 149-165, 2008.

FERRAZ, Kátia D’Armas. **A solidão do sujeito contemporâneo**: um olhar clínico. Trabalho de Conclusão de Curso. Gravataí, 2006. In <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/15.pdf>. Acesso em 18.Jan.2017.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. 25ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

LESSA, Jadir Machado. **Solidão e Liberdade**. In: **Fenomenologia & Psicologia**, 1 (1) p. 129-137, 2013. In: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/fenomenopsicol/article/view/1351> Acesso em 15.Ago.2016.

MARQUES, Mirane Campos. **Uma história que não tem fim**: um estudo sobre a fantasia literária. Tese de Doutorado. São José do Rio Preto, 2015. In <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/127775/000845650.pdf?sequence=1&isAllowed>. Acesso em 15.Ago.2016.

MAY, Rollo. O que é o existencialismo? In: _____. **A Descoberta do Ser**. Rio de Janeiro: Editora Rocco. p. 51-64, 1988.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1982. In <http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/2260559.pdf> Acesso em 23.Nov.2016